



ConBRepro

XI CONGRESSO BRASILEIRO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO



01 a 03
de dezembro 2021

Caracterizações do ecofeminismo diante de uma revisão sistemática da literatura brasileira

Maria Helena da Fonseca

PPGEP - Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR-PG

Rafael Henrique Mainardes Ferreira

PPGEP - Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR-PG

Claudia Tania Picinin

PPGEP - Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR-PG

Priscila Rubbo

PPGEP - Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR-PG

Resumo: O presente artigo tem o intuito de demonstrar um panorama de discussões envolvendo a temática do ecofeminismo no Brasil, diante da relação de autores, limitações de discussões e eixos abordados. Utilizando-se revisão sistemática diante de três bases científicas – SciELO Brasil, Science Direct e EBSCO Host -, a pesquisa tem caráter exploratório e descritivo, com base em uma abordagem qualitativa, estratificando as principais necessidades e possibilidades dessa temática pela literatura. Como resultados, foi visível o desenvolvimento do termo em contraponto às estruturas históricas e sociais de caráter sexista, contribuindo para a visão sustentável e eco ambiental da mulher como eixo de equilíbrio ao ambiente. Conclui-se que ainda existem lacunas bastante visíveis com relação a essa temática, exigindo maior notoriedade e discussão de elementos que auxiliem na compreensão do termo sob a perspectiva moderna.

Palavras-chave: Ecofeminismo, Revisão Sistemática, Eco Feminismo, Sustentabilidade.

Ecofeminism characterizations by systematic review of brazilian literature

Abstract: This present paper aims to show a panorama of discussions involving the theme of ecofeminism in Brazil, due to the list of authors, limitations of discussions and issues addressed. Using a systematic review from four scientific bases - SciELO Brasil, Science Direct and EBSCO Host -, a research is exploratory and descriptive, based on a qualitative approach, stratifying the main needs and possibilities of the subject matter from the literature. As a result, the development of the term was visible in contrast to the historical and social structures of a sexist character, contributing to the sustainable and eco-environmental vision of women as an axis of balance to the environment. It is concluded that there are still quite visible gaps in relation to this theme, requiring greater notoriety and discussion of elements that help in understanding the term from a modern perspective.

Keywords: Ecofeminism, Systematic Review, Eco-feminism, Sustainability.

1. Introdução

O contexto do desenvolvimento incluyente e sustentado tem sido tema de análise nas últimas décadas, favorecendo discussões sobre as ações de sustentabilidade e melhorias de processos organizacionais (SACHS, 2008). Diante das transformações tecnológicas e diversificação de ideias, há uma necessidade de incorporar novas práticas aos processos empresariais, favorecendo as minorias e indivíduos marginalizados (SEN, 2000; RUETHER, 2000). Verifica-se que os indivíduos estão mais empáticos e abertos às mudanças que favoreçam a sociedade e sua humanização.

Dessa forma, entre os eixos básicos da sustentabilidade, é possível perceber como influência o agir dos indivíduos e a necessidade de humanização justa, diante da cooperação, governança participativa, estabelecimento de transparência e comunicação direta dos envolvidos (MUNCK; MUNCK; BORIM-DE-SOUZA, 2011). Porém, isso só é permitido, a partir do momento em que novas racionalidades e aberturas aos indivíduos são elencadas (BLOWFIELD, 2013).

Assim, novas vertentes sociais têm entrado em contato com as necessidades básicas humanas, como é o caso da diversidade, igualdade de gênero e temáticas mais específicas, como o ecofeminismo. Por ser uma temática ainda em construção – pensar de suas vertentes já virem em desenvolvimento há décadas -, o ecofeminismo atua como protagonista da luta, principalmente, pela equalização do gênero na sociedade (GEBARA, 1997).

Apesar disso, há uma forte desconstrução acerca da temática, onde, diante da literatura e discussões da temática, é possível verificar que ela vai muito além, atuando desde os preceitos puramente ecológicos (CUOMO, 1998), até a teologia histórica da figura feminina (GEBARA, 2000). Logo, essa divisão de ideias pela literatura ainda proporciona uma desintegração de um conceito central, trazendo maiores discrepâncias ao discutir a temática em nível nacional ou internacional.

Levando-se em consideração esse panorama, o problema de pesquisa envolveu: em quais aspectos o ecofeminismo é discutido e caracterizado na literatura nacional? Sendo que o objetivo do estudo consistiu em desenvolver uma revisão sistemática da literatura de forma a adequar os conceitos do ecofeminismo de maneira compreensível, indicando possíveis saídas e especulações sobre a temática. De acordo com Rousseau, Manning e Denyer (2008), as revisões sistemáticas – ou sistêmicas – trazem um caráter científico e aprofundado às novas temáticas, de forma a possibilitar maior relevância e interação entre aspectos e autores envolvidos.

Espera-se como hipótese que os preceitos ecofeministas sejam tratados de maneira superficial pela literatura e, sobretudo, alçados para designações específicas sobre a força da mulher e suas inter-relações com o desenvolvimento sustentável.

2. Aspectos metodológicos

A designação de características que determinam uma pesquisa científica pode ser denominada de acordo com a necessidade do pesquisador em buscar soluções ou intervenções para um ambiente caótico e desordenado, bem como pela busca de novas caracterizações para estudos empíricos (MINAYO; DESLANDES, 1994).

Gil (2002) ainda reflete que a investigação de uma pesquisa pode possibilitar a mudança de paradigmas e posicionamentos, que antes eram debatidos de maneira superficial ou contraditória. Dessa forma, a pesquisa e sua estruturação refletem um diferencial ao trabalho de investigação a ser realizado.

Dessa forma, diante das classificações de pesquisa (Gil, 2002), o presente trabalho enquadra-se como abordagem qualitativa, utilizando-se de leituras e interpretações de textos e escritos acadêmicos de diferentes bases de dados. Além disso, é possível classificar a pesquisa como descritiva e exploratória. Minayo e Deslandes (1994) refletem que a pesquisa exploratória tem o caráter de envolver o sujeito e o pesquisador nas situações encontradas, possibilitando maior conceituação de temáticas e apropriação de cenários. Para melhor visualização da temática, foi utilizado o método de separação e coleta de dados diante da revisão sistemática, baseando-se na revisão da literatura e publicações acadêmicas validadas.

Considerando a relação multilateral da temática em que o ecofeminismo se encontra, é importante estabelecer métricas para mensuração científica diante da revisão sistemática – ou sistêmica. Briner, Denyer e Rousseau (2009) reforçam que a utilização de uma revisão sistêmica, diante de conceitos em construção, traz uma perspectiva de diferenças autênticas, que favorecem o crescimento de ações que possibilitem as ações de desenvolvimento ao âmbito social. Dessa forma, o conceito torna-se fortalecido e, possivelmente, mais bem disposto a discussões (ROUSSEAU; MANNING; DENYER, 2008). A seguir, são apresentados os métodos para coleta de dados, e, por conseguinte, a definição de temática entre as bases escolhidas.

2.1 Coleta de dados

Para a fase de coleta de dados da pesquisa, foi utilizada a abordagem investigativa de diferentes bases de dados, de forma a verificar a discrepância ou congruência dos principais resultados. Dodebei (1986), em sua teoria clássica de biblioteconomia e gestão da informação, traduz a consulta de acervos bibliográficos como um processo rico e diretivo, capaz de auxiliar na significância de elementos da pesquisa.

Assim, uma revisão sistemática que abarque diferentes ambientes de discussão possibilita maior entendimento e direcionamento de temáticas pouco abordadas. As bases de dados como SciELO Brasil, Science Direct e EBSCO Host foram escolhidas para dar maior notoriedade às discussões, bem como avaliar possíveis convergências ou divergências, que, segundo Calsa e Romero (2013), traduzem e maneira objetiva o significado e objetivos da pesquisa. A Tabela 1, a seguir, demonstra a relação entre as bases de dados pesquisadas, os filtros utilizados, em alguns casos, e o total de ocorrências encontradas. Vale ressaltar que a delimitação temporal não foi aplicada como filtro, para maior completude de resultados.

Tabela 1 – Filtragem do verbete diante das bases de dados

Base de dados	Filtro (delimitação)	Total de Artigos
SciELO Brasil	Lançamento do verbete “ecofeminismo” na base Filtro de país para “Brasil”	28 12
Science Direct	Lançamento do verbete “ecofeminismo” na base	4
EBSCO Host	Lançamento do verbete “ecofeminismo” na base	1

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

A utilização de filtro – principalmente na base de dados SciELO Brasil – se fez necessária para a definição exata da discussão e resultados da temática para o território brasileiro. Ruether (2000) reforça a importância dessa delimitação, onde, diante das variações da temática, é visível que o desenvolvimento do ecofeminismo no Brasil ocorre de maneira estagnada e lenta, necessitando maiores estímulos.

3. Resultados e Discussões

3.1 Resultados da pesquisa para a base SciELO Brasil

Conforme demonstrado na filtragem metodológica da pesquisa, apenas 10 artigos se encaixaram na temática para participação de discussões, porém, antes da filtragem, foi possível analisar a concentração de discussões em nível mundial conforme apresentado na Figura 1.

Figura 1 – Distribuição inicial da temática em nível mundial



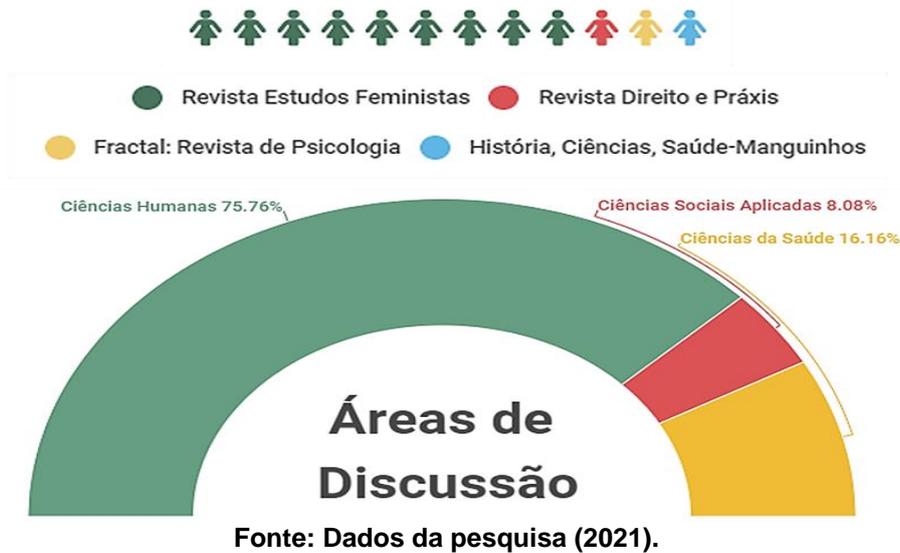
Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Percebe-se que a maioria dos artigos encontrados são provenientes de pesquisas da América Latina. Isso fortalece a ressalva de Candiotti (2012), que estabelece o caráter de crescimento simbólico ou natural do ecofeminismo na região ao longo dos anos – e sua perspectiva de crescimento para os anos futuros.

As contradições à abordagem cristã, segundo a autora, favorecem maior disseminação de ideias nesse território latino, fazendo com que as situações envolvendo o ecofeminismo diante de uma conjectura histórica e essencial para a quebra de paradigmas atuais (CANDIOTTO, 2012).

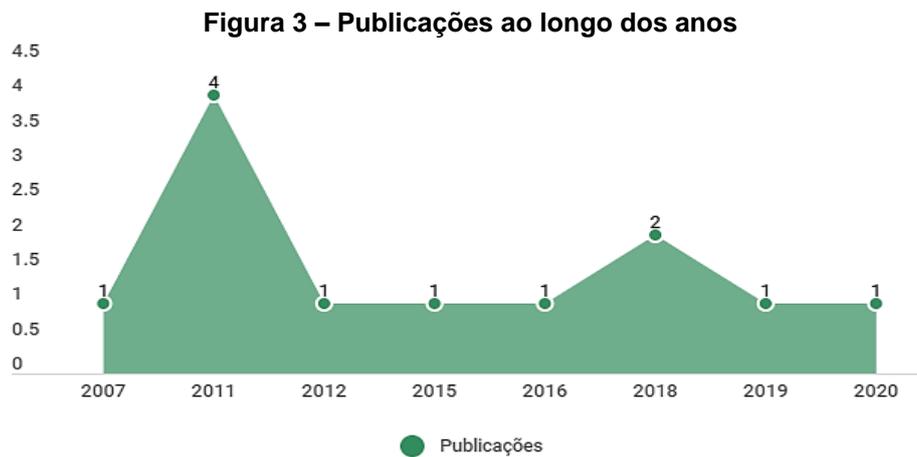
Para a presente pesquisa, de forma a agregar as publicações nacionais, ao serem analisados os artigos com o filtro brasileiro, é possível maior acuracidade dos dados, discussões e autores que refletem o ecofeminismo diante da estimativa por periódicos envolvidos e áreas prioritárias de discussão, conforme pode ser observado na Figura 2.

Figura 2 – Periódicos e áreas de discussão da pesquisa
Periódicos



Corroborando ao indicado pelo senso comum, é possível verificar que a área de Ciências Humanas ocupa um total de nove artigos publicados. Exemplos disso estão incorporados em resultados como: análise social e antropológica do ecofeminismo (OSÓRIO, 2018); análise do percurso histórico e desenvolvimento dos preceitos temáticos (DIAS, 2018); regionalismos e a construção social do ecofeminismo (CARMO et al., 2016, FLORES; TREVIZAN, 2015, PERONA, 2012, MACHADO, 2007); e, por fim, a incorporação de novos conceitos, como é o caso do ecofeminismo queer (MORTIMER-SANDILANDS, 2011, GABRIEL, 2011, GAARD, 2011, GOUGH et al., 2011).

O ecofeminismo queer ganha destaque apoiando as causas feministas, em um preceito generalista, porém, com fundamental importância para o distanciamento da heterossexualização da natureza humana, diante da cultura machista já enraizada pela sociedade (GAARD, 2011). É primordial o entendimento da mudança trazida pelo ecofeminismo citado pelos autores (GABRIEL, 2011, GAARD, 2011), de forma a compreender as novas relações humanas e suas práticas pautadas na qualidade de vida para o bem-estar coletivo de uma sociedade mais igualitária. As variações do ecofeminismo, apesar de apresentarem vertentes baseadas em teóricos de vertentes explícitas ou regionais (MORTIMER-SANDILANDS, 2011, OSÓRIO, 2018), possuem alguns lapsos de discussão que permeiam as publicações brasileiras, necessitando maior divulgação e suporte literário em território nacional. A figura 3 mostra as publicações por ano sobre a temática.



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

É perceptível a não linearidade de publicações ao longo dos anos, onde se verificam algumas lacunas, que permitem simbolizar um desinteresse ou dificuldade de explanação sobre a temática em certos períodos. Aos anos de 2008 a 2010, bem como 2013, 2014 e 2017 não foram encontrados registros de discussões sobre o ecofeminismo. De acordo com Osório (2018), o desconhecimento ou falta de incentivos às práticas dessa temática podem prover uma desigualdade de relações cada vez mais congruente, distanciando os preceitos básicos de desenvolvimento sustentável pautado no pilar social ou humanizado.

O estudo mais recente é demonstrado pela discussão de Pereira (2020), que traz uma proposta de enriquecimento do termo ecofeminismo nas últimas décadas, diante da análise crítica do livro *The Death of Nature*. O estudo reflete as discussões modernas sobre o ecofeminismo, exigindo uma discussão em prol do entendimento ecológico contemporâneo e o gênero como protagonista.

3.2 Resultados da pesquisa para a base Science Direct

Ao lançar o termo de pesquisa para a base Science Direct, foi verificada a incidência de apenas quatro artigos disponíveis. Em contradição à base anterior, foi verificado que nenhum dos artigos é brasileiro, portanto, todos publicados em espanhol – ou castelhano – oriundos de publicações de autores latino-americanos. Apesar de retornar poucos resultados, foi possível verificar que as temáticas abordadas pelos trabalhos publicados possuem uma carga bastante interessante para as abordagens do ecofeminismo.

Exemplo disso é citado por Sagols (2014), onde a autora reforça que, seguindo os preceitos da filósofa existencialista Simone de Beauvoir, a mulher não pode ter sua significação ou conceituação atrelada à natureza, ou maternidade – diante da analogia à mãe-natureza. Em um momento de crise ecológica, a inferiorização da mulher, ao compará-la com os aspectos naturais, pode pertencer a uma categorização misógina e marginalizada.

Segundo a autora, como o homem moderno não compreende a amplitude dos danos ambientais, o ecofeminismo vem propor uma postura radical e ética, onde a ampliação de justiça e igualdade transcendem esse movimento, dando maior equidade e bem-estar pautado na sustentabilidade (SAGOLS, 2014).

Outro resultado encontrado na base de dados estabelece pelas análises de Millán (2014), que reforça a postura ética do ecofeminismo, trazendo-o como um movimento necessário para a melhoria dos processos sustentáveis modernos. A autora reforça que a igualdade

– diante da carga histórica e sexista que o ser humano agrega -, pode ser um dos aspectos mais difíceis de mutação, principalmente em territórios altamente miscigenados, como é o caso do Brasil.

Os demais resultados trouxeram novamente um editorial, compilando as discussões já citadas pelas autoras anteriores, bem como o estudo de caso histórico da ascensão do ecofeminismo no México, diante de ações locais e bem específicas. Dessa forma, verifica-se que a plataforma Science Direct não tem um índice satisfatório para essa temática, quando relacionado ao território brasileiro.

3.3 Resultados da pesquisa para a base EBSCO Host

Ao traçar o mesmo delineamento para a base de dados EBSCO Host, foi visível a repetição de um artigo anteriormente já discutido que forneceu respaldo introdutório à base de dados SciELO Brasil, representado pela pesquisa de Candiotto (2012). Com essa repetição, verifica-se a importância da autora na determinação dos processos e práticas da conceituação do ecofeminismo.

A contribuição de Candiotto (2012) perpassa as questões históricas e teológicas do ecofeminismo, traduzindo a relação da mulher com o meio ambiente de maneira hierárquica e submissão aos padrões históricos. Além disso, é interessante observar que as mudanças ocorridas a partir da concretização dessas teorias possibilitaram suporte a novas vertentes da temática, conforme citado nas discussões da base de dados SciELO Brasil.

3.4 Panorama geral de análise científica

De forma a ilustrar de maneira assertiva as características dos trabalhos encontrados, abaixo, verifica-se um panorama geral das discussões diante dos autores e bases de dados. Kuzma, Doliveira e Silva (2017) apresentam esse quadro como um modelo a ser direcionado a revisões sistemáticas, facilitando o entendimento de temáticas diante dos pontos mais relevantes encontrados. O Quadro 1, a seguir, representa essa caracterização dos artigos encontrados.

Quadro 1 – Apresentação dos resultados encontrados nas plataformas

Bases	Autor(es)	Objetivo da pesquisa	Embasamento teórico
SciELO Brasil	Osório (2018)	Abordar noções de irracionalidade e acusações de misantropia, pensadas a partir de leituras ecofeministas do care.	Shiva (1993); Davidson (1993); Simonian (1998, 2000); Woortmann (1992) [...]
	Dias (2018)	Apresentar os arcabouços teóricos de uma perspectiva de justiça mais inclusiva e mais compatível com os ideais de uma concepção moral universalista	Bagemil (1999); Boag (2003); Gaard (1997); Grover (1997); Simon (2003); Vasey (2000) [...]
	Carmo et al. (2016)	Estabelecer uma análise da figura da mulher e da natureza na Reserva Extrativista de Canavieiras - BA, tomando-se por base experiências de natureza etno-metodológica.	Arede (2008); Butler (1990); Gaard (2011); Gabriel (2009); Morita (2011); Russel (2011); Mortimer-Sandilands (2011) [...]
	Flores & Trevizan (2015)	Identificar na comunidade (Ecovila de Piracanga) em que medida estão presentes o discurso e as práticas ecofeministas, quaisquer que sejam as	Adams (1993); Denniston (1965); Foucault (1980); Frye (1983); Gaard (1993, 1994);

		tendências, e poder associar a elas práticas em defesa do meio ambiente.	Ingram (1994); Ruether (1983); Mortimer-Sandilands (1994); Warren (1987, 1990, 1994) [...]
	Perona (2012)	Avançar nas discussões sobre os impactos sociais da mudança tecnológica nas regiões de Córdoba, analisando, em particular, os efeitos da mulher na agricultura, diante do panorama e conjuntura do ecofeminismo.	Biaggi, Canevari, Tasso (2007); Foladori (2002); Krug (2003); Mies (2006); Perona (2009, 2010); Nelson (1996); Vaughan (2007) [...]
	Machado (2007)	Identificar o papel feminino, designado pelas caboclas nos manguezais, de forma a associar a cultura do consumo e exploração do trabalho no processo de catação de caranguejos na região amazônica.	Shiva (1993); Davidson (1993); Simonian (1998, 2000); Woortmann (1992) [...]
	Mortimer-Sandilands (2011)	Propor uma perspectiva para o pensamento da ecologia política pautada nos preceitos de ecologia queer, diante do feminismo, sexualidade e política sexual.	Bagemil (1999); Boag (2003); Gaard (1997); Grover (1997); Simon (2003); Vasey (2000) [...]
	Gabriel (2011)	Realizar uma análise social, política e cultural que possibilite a interrogação de elementos da ecologia queer e designações da ecologia diante dos preceitos de gênero e sociedade.	Areda (2008); Butler (1990); Gaard (2011); Gabriel (2009); Morita (2011); Russel (2011); Mortimer-Sandilands (2011) [...]
	Gaard (2011)	Demonstrar que, para ser verdadeiramente inclusiva, qualquer teoria ecofeminista deve levar em consideração as discussões da teoria queer; similarmente, a teoria queer deve considerar os achados do ecofeminismo.	Adams (1993); Denniston (1965); Foucault (1980); Frye (1983); Gaard (1993, 1994); Ingram (1994); Ruether (1983); Mortimer-Sandilands (1994); Warren (1987, 1990, 1994) [...]
	Gough et al. (2011)	Questionar e provocar o silêncio ou ausência da teorização queer sobre a educação ambiental, trazendo o machismo estrutural para essas arbitragens históricas.	Warren (1994, 1997); Bowers (1993, 2002); Farmer (1995); Gaard (1997); Gough (1987, 1993, 1999, 2002); Nicoll (1997) [...]
	Carmela & Pinheiro (2019)	Acentuar uma abordagem ecofeminista diante da esfera ambiental, pautada na visão ecopsicossocial. Essa abordagem pretende avaliar a cosmovisão diante da compatibilidade e complementaridade social.	Bellacasa (2012); Fonseca et al. (2016); Hache (2016); Haraway (1989, 1991, 2008); Merchant (2005); Shiva (1989, 1997) [...]
	Pereira (2020)	Descrever, sob forma de resenha, a narrativa do ecofeminismo e sua historiografia nos últimos quarenta anos, bem como as mudanças psicossociais abarcadas por esse panorama.	Merchant (1980, 2006); Park (2006)
Science Direct	Sagols (2014)	Refletir a perspectiva ética do ecofeminismo mediante análise de uma de suas teóricas: Karen Warren, bem como suas limitações ou contribuições culturais para a modificação de ambientes.	D'Eaubonne (1974); Mckie (2012); Puleo (2011); Tronto (2009); Warren (2000)
	Millán (2014)	Realizar uma reflexão sobre as questões morais e designações da ética feminista e recepção de ecofeminismo pelos públicos distintos.	Dossiê baseado unicamente nas discussões e apontamentos de Millán (2014)
EBSCO Host	Candiottto (2012)	Questionar a dualidade entre gêneros, bem como seu teor teológico e estrutural, de forma a instigar suas abordagens básicas: abordagem estruturalista e abordagem essencialista.	Arendt (1981); Gebara (1997, 2000); Ruether (1993, 2000); Souza (2000); Warren (1996) [...]

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

O quadro confere as principais discussões abarcadas sobre o ecofeminismo ao longo dos anos e pelas plataformas utilizadas para busca. Alguns pontos de importância são destacados para essas discussões, refletindo, principalmente, sua conceituação básica.

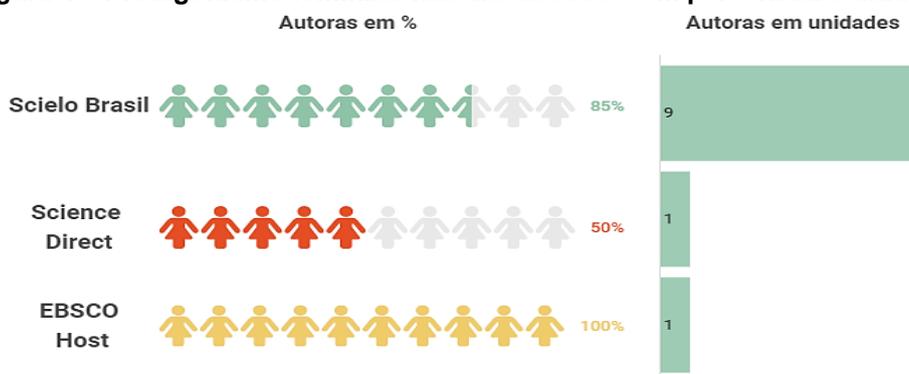
A disseminação de modelos humanos e socialmente mutáveis, universalidade de princípios, morais e leis deve ser tratado seguindo os princípios de equidade de gênero e caráter unicamente humano (universal) (DIAS, 2018). Além disso, as discussões ainda cercam o ecofeminismo diante da reformulação sustentabilidade ambiental apenas diante da utilização e apropriação do caráter de equidade, garantia de igualdade e alcance de capacidades básicas e aderência à ecologia queer (GABRIEL, 2011; CARMO et al., 2016; CARMELA; PINHEIRO, 2019).

Outro enfoque fundamental das discussões é tido diante dos aspectos de degradação ambiental intrinsecamente ligado ao heterossexismo histórico e velado (MORTIMER-SANDILANDS, 2011; MACHADO, 2007), que traz como consequências a marginalização, disfunção social da mulher e padrões estritamente sexistas às conjunturas sociais ao longo da história (FLORES; TREVISAN, 2015).

Outra perspectiva analisada pela revisão sistemática se dá pela repetição moderada de autores que embasaram as discussões, sem explicitar algum autor de forma recorrente ou considerá-lo como clássico, dada não-reincidência nas plataformas ou pesquisas. Algumas autoras fundamentadas como clássicas pelas discussões da literatura se dão por: Karen Warren e Simone de Beauvoir.

Em síntese, a Figura 4 representa o protagonismo feminino diante das discussões e envolvimento da pesquisa. Os infográficos demonstram os índices de publicações encabeçadas por mulheres (e autoras que se declaram mulheres) nas plataformas. Dado o recorte de pesquisa – tanto pelas plataformas escolhidas, quanto pela temática -, é visível que a maior parte das discussões são protagonizadas pela figura feminina.

Figura 4 – Protagonismo feminino nas discussões – em percentual e unidades



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Embora, nesse recorte, o protagonista feminino em publicações relacionadas a essa temática pareça suficiente, Pereira (2020) reflete que a historiografia e contextos sociais do ecofeminismo nas últimas décadas tem se estagnado, ou ainda, subestimado.

Candiotto (2014) reforça que a temática ainda precisa estabelecer um elo mais criterioso e estruturalmente aceitável, considerando as abordagens humanas, históricas e culturalmente menos sexistas. Dessa forma, há uma necessidade de estabelecer maiores enlaces com a literatura social e antropológica e ressignificar alguns contextos históricos da figura feminina ao ambiente ecossustentável.

4. Considerações finais

Ao analisar o desenvolvimento sustentável como uma das expectativas de mudança para o futuro da humanidade, é importante que novas vertentes sejam agregadas à discussão de relações humanizadas (OSÓRIO, 2018). A humanização de novas vertentes para as relações democráticas pode ser uma das soluções para as desigualdades sociais, nesse momento de globalização e aceleração tecnológica.

Sachs (2000) abarcava o reforço ao desenvolvimento – independentemente de sua abrangência – como incluyente e sustentado, sendo capaz de prover as resoluções de conflitos e necessidades por meio de relações socioambientais mais limpas e transparentes. Diante da análise do ecofeminismo ao longo da história e discussões literárias, foi visível que o desenvolvimento sustentado não faz jus a características como equidade, humanização de trabalho e a não-dominância humana e social.

Diante da revisão sistemática, percebeu-se que algumas mudanças gradativas foram expostas nas últimas décadas, de forma a ressignificar a estrutura social e antropológica dos ambientes. Exemplos de mudanças gradativas são encontradas por novas temáticas, como exposto na busca de publicações pela plataforma SciELO Brasil, onde verificou-se o andamento do ecofeminismo queer e suas construções (GOUGH et al., 2011).

A humanização de preceitos relacionados à mulher, bem como a retirada da heterossexualização ambiental, de forma reduzir o simbolismo machista, pode abarcar um modelo mais hegemônico de relações, diante da quebra de paradigmas históricos e reformulações de racionalidades.

Algumas possibilidades futuras são consideradas para a continuidade do artigo, como a expansão de pesquisa para outras bases de dados científicas; a exploração aprofundada dos ambientes em que o ecofeminismo foi identificado na história; e a abordagens contemporâneas da figura feminina diante das futuras conceituações e ramificações do ecofeminismo de maneira internacional.

Referências

BLOWFIELD, M. **Business and Sustainability**. Oxford: UK, 2013.

BRINER, R. B.; DENYER, D.; ROUSSEAU, D. M. Evidence-based management: concept cleanup time? **Academy of Management Perspectives**, v. 23, ed. 4, p. 19–32, 2009.

CALSA, G. C.; ROMERO, R. L. A Importância do Levantamento de Dados em Pesquisas Científicas: um olhar sobre a produção acadêmica acerca do tema representações sociais e jogos de regras – 2004 a 2009. **Revista Educação e Linguagens, Campo Mourão**, v. 2, ed. 3, 2013.

CANDIOTTO, J. de F. S. A teologia ecofeminista e sua perspectiva simbólico/cultural. **Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 10, ed. 28, p. 1395-1413, 2012.

CARMELA, R.; PINHEIRO, M. de A. Ecopsicossociologia: abordagens ecofeministas da pesca artesanal. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31 (esp.), p. 276-281, 2019.

CARMO, J. C.; et al. Voz da natureza e da mulher na Resex de Canavieiras-Bahia-Brasil: sustentabilidade ambiental e de gênero na perspectiva do ecofeminismo. **Revista Estudos Feministas**, v. 24, ed. 1, p. 155-180, 2016.

CUOMO, C. J. **Feminism and ecological communities: an ethics of flourishing**. London; New York: Routledge, 1998.

DIAS, M. C. A perspectiva dos funcionamentos: um olhar ecofeminista decolonial. **Revista Direito e Práxis**, v. 9, ed. 4, p. 2503-2521, 2018.

DODEBEI, V. L. D. L. de M. Metodologia de coleta de documentos para bases de dados bibliográficos. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 14, ed. 2, p.312 – 327, 1986.

FLORES, B. N.; TREVIZAN, S. D. P. Ecofeminismo e comunidade sustentável. **Revista Estudos Feministas**, v. 23, ed. 1, p. 11-34, 2015.

GAARD, G. C. Rumo ao ecofeminismo queer. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, ed. 1, p. 197-223, 2011.

GABRIEL, A. **Ecofeminismo e ecologias queer: uma apresentação**. Revista Estudos Feministas, v. 19, ed. 1, p. 167-174, 2011.

GEBARA, I. **Teologia ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião**. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

GEBARA, I. Ecofeminismo, um jeito de abraçar as diferenças e construir um mundo diferente. Entrevista com Ivone Gebara, por Maricel Mena López. **Mandrágora**, São Bernardo do Campo, v. 6, p. 79-84, 2000.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GONCALVES, M. F.; STEFANO, S. R.; BACCARO, T. A. Sustentabilidade organizacional e suas relações com a gestão estratégica de pessoas: um estudo de caso em uma cooperativa agroindustrial. **Revista de Administração da Unimep**, v. 15, p. 51-73, 2017.

GOUGH, N.; et al. Contos de Camp Wilde: tornando queer a pesquisa em educação ambiental. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, ed. 1, p. 239-265, 2011.

KUZMA, E. L.; DOLIVEIRA, S. L. D.; SILVA, A. Q. Competências para a sustentabilidade organizacional: uma revisão sistemática. **Cadernos EBAPE. BR (FGV)**, v. 15, p. 428-444, 2017.

MACHADO, D. Catadoras de caranguejo e saberes tradicionais na conservação de manguezais da Amazônia brasileira. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, ed. 2, p. 485-490, 2007.

MINAYO, M. C. de S.; DESLANDES, S. F. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

- MILLÁN, G. Apresentação del Dossier Ética feminista. **Debate Feminista**, v. 49, p. 3-7, 2014.
- MORTIMER-SANDILANDS, C. Paixões desnaturadas? Notas para uma ecologia queer. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, ed. 1, p. 175-195, 2011.
- MUNCK, L.; MUNCK, M. G. M.; BORIM-DE-SOUZA, R. Sustentabilidade Organizacional: a proposição de uma framework representativa do agir competente para seu acontecimento. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 4, ed. 2, p. 147-158, 2011.
- OSÓRIO, A. Ecofeminismo, teorias do care e as críticas a protetoras de animais de rua. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, ed. 3, e57762. Epub November 14, 2018.
- PEREIRA, G. S. The Death of Nature quarenta anos depois: as contribuições para o ecofeminismo e a historiografia da ciência. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 27, ed. 2, p. 690-692, 2020.
- PERONA, E. La transformación tecnológica del sector agropecuario en la provincia de Córdoba y sus repercusiones sobre la mujer y la familia rural: its effects on women and rural families. **Revista Estudos Feministas**, v. 20, ed. 3, p. 739-760, 2012.
- ROUSSEAU, D. M.; MANNING, J.; DENYER, D. Evidence in management and organizational science: assembling the field's full weight of scientific knowledge through synthesis. **The Academy of Management Annals**, v. 2, ed. 1, p. 475–515, 2008.
- RUETHER, R. R. **Ecofeminismo**: mulheres do primeiro e terceiro mundos. Mandrágora, São Bernardo do Campo, v. 6, p. 11-17, 2000.
- SACHS, I. **Desenvolvimento**: incluyente, sustentável e sustentado. Rio de Janeiro: Gramond, 2008.
- SAGOLS, L. El ecofeminismo y su expresión en la filosofía de Karen Warren: una perspectiva ética. **Debate Feminista**, v. 49, 116-124, 2014.
- SEN, A. A Decade of Human Development. **Journal of Human Development**, v. 1, ed. 1, p. 17-23, 2000.